

# A Gestação do Segundo Filho: Sentimentos e Expectativas da Mãe

Carolina Marocco Esteves  
Joice Cadore Sonogo  
Aline Groff Vivian  
Rita de Cássia Sobreira Lopes  
Cesar Augusto Piccinini

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, RS, Brasil*

## RESUMO

O presente estudo investigou sentimentos e expectativas em mães grávidas do segundo filho. Participaram da pesquisa 21 mulheres que estavam no terceiro trimestre de gestação do segundo filho e que o primeiro filho estava em idade pré-escolar. Todas as participantes residiam na região metropolitana de Porto Alegre (RS), eram casadas e o marido era o pai de seus dois filhos. As mães foram entrevistadas individualmente e suas respostas foram examinadas através de uma análise de conteúdo qualitativa. Foi desenvolvida uma estrutura de categorias derivadas da literatura, assim como da leitura das entrevistas. Percebeu-se que há especificidades no que diz respeito aos sentimentos e às expectativas da mãe no contexto do nascimento de um segundo filho, especialmente em relação à vivência da gestação e ao envolvimento emocional da mãe com este bebê, devido ao fato de ela já ter um filho. Implicações clínicas dos achados também são discutidas.

**Palavras-chave:** Maternidade; Gestação; Segundo filho.

## ABSTRACT

### *Maternal Feelings and Expectations During Second Pregnancy*

The present study investigated maternal feelings and expectations during second pregnancy. Twenty-one mothers, who were in the third trimester of her second child pregnancy and whose firstborn was in preschool, took part in the study. All participants lived in the metropolitan area of Porto Alegre (RS), were married and their husband was the father of their two children. The mothers were interviewed individually and their answers were examined through qualitative content analysis. The structure of categories was derived from the literature as well as from the reading of the interviews. It was noticed that there are particularities with regard to maternal feelings and expectations in the context of the birth of a second child, especially in relation to the experience of pregnancy and maternal emotional involvement with the baby, due to the fact she already has a son. Clinical implications of the findings are also discussed.

**Keywords:** Motherhood; Pregnancy; Second child.

## RESUMEN

### *La Gestación del Segundo Hijo: Los Sentimientos y Expectativas de la Madre*

El presente estudio investigó sentimientos maternos e expectativas en madres embarazadas del segundo hijo. Participaron en la investigación 21 mujeres que estaban embarazadas de su segundo hijo y que el primer hijo tenía la edad preescolar. Todas las participantes vivían en la región metropolitana de Porto Alegre (RS), estaban casadas y el marido era el padre de sus dos hijos. Las madres fueron entrevistadas individualmente y sus respuestas fueron examinadas a través de un análisis de contenido cualitativo. Fue desarrollada una estructura de categorías derivadas de la literatura, así como la lectura de las entrevistas. Se percibió que hay especificidades respecto a los sentimientos y expectativas maternas en el contexto del nacimiento de un segundo hijo, especialmente en relación a la vivencia de la gestación y al involucramiento emocional de la madre con este bebé por el hecho de ya haber tenido un hijo anteriormente. Implicaciones clínicas de los hallazgos también son discutidas.

**Palabras clave:** Maternidad; Gestación; Segundo hijo.

## INTRODUÇÃO

A partir do momento em que uma mulher engravida, diversas mudanças começam a ocorrer. Essas mudanças são de ordem psíquica, física, emocional e social (Brazelton e Cramer, 1992; Klaus, Kennel e Klaus, 2000; Maldonado, 1997). A gestação e a maternidade são consideradas, do ponto de vista da Psicologia do Desenvolvimento, um período de crise (ou de transição), juntamente com a adolescência e o climatério. A gravidez é considerada um período de transição por haver uma reorganização da identidade da mulher, bem como uma nova definição de papéis: deixa de ser apenas filha e passa a também ser mãe (Maldonado, 1997). Além disso, a gravidez é um período bastante regressivo, em que a mulher tende a se identificar com o bebê que está gerando.

O período gestacional pode ser dividido em três trimestres, sendo que cada um deles apresenta algumas peculiaridades (Maldonado, 1997). O primeiro trimestre se caracteriza pela coexistência de sentimentos contraditórios, como desejar e não desejar estar grávida. Pode ocorrer também certo retraimento afetivo por parte da mulher, bem como hipersonia, vômitos, aumento da sensibilidade e da irritabilidade (Maldonado, 1997). O segundo trimestre é o mais estável, do ponto de vista emocional. Nele costumam acontecer as primeiras percepções dos movimentos fetais, o que faz com que o feto comece a ser personificado pela mãe, pois esta atribui características àquele, a partir dos seus movimentos. Por fim, o terceiro trimestre gestacional é marcado pelo retorno da ambivalência afetiva, como querer e não querer que a gestação termine, e também pelo aumento da ansiedade frente à proximidade do parto e às mudanças na rotina. O bebê é cada vez mais percebido como um ser real, sendo comum neste período a escolha do nome, a arrumação do quarto e das coisas do bebê e também a reorganização da vida familiar para receber o novo membro (Maldonado, 1997).

Se o nascimento de um filho provoca alterações profundas na vida da mulher e da família, o nascimento de um segundo filho não é diferente. O nascimento de um segundo filho é um evento marcante, que exige mudanças na organização familiar, sendo qualitativamente diferente do processo de nascimento do primeiro filho (Dessen, 1997). Do ponto de vista psíquico, cada gravidez tem um sentido particular para a mulher (Szejer e Stewart, 2002).

Além disso, se a mulher já tem outro(s) filhos(s), isto também vai influenciar no modo como ela vivencia a gestação atual. Szejer e Stewart (2002) destacaram que o sentido que a mãe dará para cada gestação

também vem da sua própria história e da do pai. Ainda, que o lugar que a mãe ocupa na família de origem, enquanto filha e irmã, vai marcar de modo inconsciente sua relação com o filho que ocupa o mesmo lugar.

Uma das especificidades para a mãe de um segundo filho é dar lugar ao novo, ou seja, ela precisa construir para o bebê um lugar emocional específico na família (Vivian, 2010). Assim, o modo como a transição para a maternidade de cada filho ocorre vai impactar de modo significativo tanto a mãe quanto a criança (Krieg, 2007; Mercer, 2004). Conforme Winnicott (1967/2005), nesta transição, a mãe pode ter dificuldades para se adaptar às necessidades do novo bebê, pois, assim como não há dois bebês iguais, a mãe também é diferente com cada criança.

Conforme dito anteriormente, tornar-se mãe de um primeiro ou de um segundo filho são experiências qualitativamente diferentes (Coldebella, 2006; Dessen, 1997; Kojima, Irisawa e Wakita, 2005; O'Reilly, 2004), porém a última ainda é pouco estudada. Diante disso, pode-se pensar que este contexto pode dificultar a formação de comunicações emocionais iniciais vitais. Como pode ser observado acima, a situação do nascimento de um segundo filho é complexa e pode demandar da mãe um esforço maior para conseguir entrar em sintonia com seu bebê.

Tendo em vista a escassez de estudos que tenham como foco a compreensão do significado que o nascimento de um segundo filho poderá ter para a mãe e para a díade mãe-bebê, o presente estudo se propôs a investigar sentimentos e expectativas em mães grávidas do segundo filho.

## MÉTODO

### Participantes

Participaram desde estudo 21 mães que estavam no terceiro trimestre de gestação do segundo filho e que o primeiro filho estava em idade pré-escolar. Todas as mães residiam na região metropolitana de Porto Alegre (RS), eram casadas e o marido era o pai de seus dois filhos, sendo este o critério de inclusão para este estudo. Elas tinham idades entre 28 e 43 anos. Quanto à escolaridade, as participantes tinham entre ensino médio incompleto e pós-graduação, sendo que a maioria possuía, no mínimo, o ensino superior completo. Apenas uma, das 21 mães, não trabalhava no momento da realização do estudo.

As mães selecionadas faziam parte de um projeto intitulado *Estudo Longitudinal Sobre o Impacto do Nascimento do Segundo Filho na Dinâmica Familiar e no Desenvolvimento Emocional do Primogênito* –

ELSEFI (Piccinini, Lopes, Rossato e Oliveira, 2005). Este projeto, iniciado em 2005, objetivou investigar os aspectos subjetivos e comportamentais da relação pai-mãe-primogênito, bem como o impacto do nascimento do segundo filho no relacionamento familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito. Esta pesquisa acompanhou 29 famílias com dois filhos ao longo de dois anos, desde o último trimestre de gestação do segundo filho até os 24 meses deste, além de um grupo de 25 famílias com filho único acompanhadas em etapas semelhantes ao do grupo do segundo filho. Todas as mães viviam com seus companheiros, os quais foram convidados a participar do estudo. Os participantes deste estudo maior representam configurações familiares intactas ou recasadas e foram contatados através de diversas instituições de saúde e de ensino da região metropolitana de Porto Alegre. O presente estudo foi avaliado e considerado ético e metodologicamente adequado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (protocolo número 2004373).

### **Delineamento, procedimentos e instrumentos**

Trata-se de um estudo descritivo que investigou, através de entrevistas com as mães, os sentimentos e expectativas em mães grávidas do segundo filho. A apresentação do estudo às mães e o convite para participarem da pesquisa foram realizados através das instituições de contato mencionadas acima, ou via ligação telefônica no caso de indicações individuais. Após o consentimento da instituição de contato, as mães que se dispuseram a participar da pesquisa preencheram uma Ficha de Contato Inicial (NUDIF, 2005a) e foi agendado um encontro para a realização das entrevistas, o qual poderia ocorrer na residência, na instituição de contato, no local de trabalho, ou numa sala da universidade. Neste encontro subsequente, as mães foram solicitadas a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e preencher a Entrevista de Dados Demográficos do Casal (NUDIF, 2005b). Embora as famílias participantes do estudo longitudinal com dois filhos (Piccinini, et al., 2005), tenham sido acompanhadas desde o último trimestre de gestação do segundo filho até os dois anos deste, para fins deste estudo, foram utilizados somente os dados da Entrevista sobre a Gestação e as Expectativas da Gestante (NUDIF, 2005c). Tal instrumento caracteriza-se por ser uma entrevista estruturada, na qual a mãe foi solicitada a falar sobre os diversos aspectos de sua gestação, na qual se examinaram as impressões e sentimentos sobre a gestação do seu segundo filho e expectativas quanto ao seu nascimento (ex. história da gestação, principais preocupações, reações do marido

perante a notícia da gestação; apoio social recebido; expectativas quanto às características do bebê, relacionamento mãe-bebê e relacionamento pai-bebê e relacionamento conjugal).

### **Análise dos dados**

Uma análise de conteúdo qualitativa (Bardin, 1977; Laville e Dione, 1999) foi utilizada para se examinar as respostas das mães à entrevista. Como na análise de conteúdo o que importa é encontrar o novo, este deve ser sempre considerado, mesmo que apareça de forma única. Assim, na análise de conteúdo não se busca a saturação teórica, de forma que um único exemplo de relato em uma categoria é igualmente importante, pois o que se busca é a essência do fenômeno estudado (Henwood e Pidgeon, 2010). Dessa forma, o objetivo não é quantificar, e sim, encontrar o significado do que está tentando compreender. De qualquer forma, para facilitar a descrição dos resultados, as autoras optaram pela seguinte descrição: 1 a 4 (poucos casos); 5 a 8 (vários casos) 9 a 12 (muitos casos); 13 a 16 (a maioria dos casos) e 17 a 21 (a grande maioria dos casos). No próprio texto do artigo, foram utilizadas porcentagens ao lado destes termos. Para se conseguir a porcentagem, o número de participantes que verbalizaram algo foi dividido pelo número total da amostra<sup>1</sup>.

Para fins de análise se desenvolveu uma estrutura de categorias derivadas da literatura (Brazelton e Cramer, 1992; Maldonado, 1997; Winnicott, 1956/2000) a respeito da maternidade, assim como da leitura exaustiva das entrevistas do presente estudo. Foram criadas cinco categorias que nortearam as análises: *sentimentos em relação às mudanças físicas e emocionais*, na qual destacaram-se os relatos de como a mãe se sentiu diante de tais alterações no decorrer da gestação, se teve dificuldades ou não para enfrentar estas mudanças corporais e afetivas impostas pela gravidez; *sentimentos em relação à maternidade*, que incluiu possíveis adversidades nos cuidados com o bebê, assim como expectativas a respeito de experiências gratificantes; *expectativas da mãe sobre o bebê*, que inclui como o bebê é imaginado pela mãe, tanto do ponto de vista de características físicas quanto emocionais; *preparação para a chegada do bebê*, que inclui o envolvimento e os preparativos da mãe para a chegada do filho (ex: o lugar do bebê na vida da mãe, como a mesma prepara o ambiente para recebê-lo, teve tempo de arrumar o quarto, as roupinhas e *holding paterno*, que diz respeito ao apoio oferecido pelo pai, à mãe, no decorrer da gestação, para que ela se sinta amparada e segura para vivenciar a gestação.

## RESULTADOS

### Sentimentos em relação às mudanças físicas e emocionais

Várias mães (33%) relataram que se sentiram mais frágeis neste período ou então mais instáveis emocionalmente: *“Emocionalmente, comecei a ficar um pouquinho mais carente, mais frágil”* (M5); *“Dessa vez eu tive mais altos e baixos. Tive bastante instabilidade, emocional. Bastante”* (M16). Por outro lado, várias mães (38%) referiram estar se sentindo bem durante o período: *“emocionalmente tava super feliz. Sempre idealizei ter mais de um filho”* (M9).

Cabe destacar que várias mães (29%) referiram que a gestação do segundo filho estava sendo mais fácil e tranquila que a do primeiro, por já conhecerem os sintomas e saberem o que esperar: *“Ai, é muito bom. Por um lado porque já não é muita novidade. Então, não tem mais surpresas. Uma dorzinha antes, eu ‘Ai, meu deus! Que é isso?’, e corria pro médico”* (M7). Neste sentido, várias mães (38%) também fizeram comparações entre as gestações, inclusive em relação às mudanças físicas: *“Na primeira não tinha sido tão difícil como tá sendo agora”* (M4); *“tá sendo uma gravidez bem atípica pra mim, bem diferente da do M<sup>2</sup> [...]”* (M5).

Pelo menos duas mães destacaram que as mudanças físicas decorrentes da gestação, embora desconfortáveis, eram esperadas e poderiam ser “revertidas” após o nascimento do bebê: *“mudanças do corpo tem, né. Isso é normal. Todo mundo que quer ser mãe tem que saber que isso faz parte, né, que isso... O corpo vai sofrer um pouco, né? Mas nada que depois uma ginástica e com uma coisa, né, não resolva”* (M7). Entretanto, várias mães (29%) destacaram apenas o desconforto sentido neste período: *“Fisicamente ruim, sempre, como da primeira vez. Eu tenho muita náusea, vomito muito, muito sono”* (M6).

Ainda em relação às mudanças corporais, estas parecem ter afetado as percepções de algumas mães sobre si mesmas, pois poucas (19%) referiram estarem se sentindo mais bonitas na gravidez: *“Eu curto, eu chego nos lugares e adoro que as pessoas percebam. Levanto a blusa e mostro a minha barriga pra quem quiser ver”* (M14). No entanto, pelo menos três mães destacaram mal estar com as mudanças que a gestação traz: *“é complicado, tu não te sente a mulher mais bonita do mundo, com certeza, eu não me sinto bonita grávida”* (M5).

Uma das mães destacou estar se sentindo ansiosa com a proximidade do final da gravidez: *“Porque a minha ansiedade aumenta muito, eu quero ver, tudo ali no lugar. A do J. P. a mesma coisa. Eu tive essa mesma*

*sensação de que ‘ai, meu deus, chega!’ Chegou, eu já tive grávida bastante tempo, agora eu quero ver o bebê”* (M14).

### Sentimentos em relação à maternidade

No presente estudo, todas as mães tinham como parâmetro sua maternidade com o primogênito, quando questionadas sobre como cuidariam do segundo filho: *“Ah, acho que eu vou procurar tá sempre... Que eu não mudaria muito do que eu fiz com a I. Vai ser parecido, vou procurar tá sempre com ele”* (M3).

O sexo do bebê foi um tema presente nas verbalizações maternas. Muitas mães (52%) questionaram como atenderiam as demandas do segundo filho, já que este não era do mesmo sexo do primogênito: *“Ao mesmo tempo eu também gosto muito de ser mãe de menina. Que a gente faz coisas juntas que eu não faria com um menino. Eu vejo que os meninos têm uma necessidade, uma coisa que eu não sei se eu vou conseguir atender, de lutinha, jogar futebol, pokemon e digimon, que é meio saco [...]. Então, vai ser um pouco mais difícil pra mim”* (M6).

A respeito das adversidades relacionadas à maternidade, muitas mães (48%) relataram preocupações com a “dupla maternidade” após o nascimento do segundo filho: *“Que esse também vai ser um papel muito grande meu. Então, eu percebo que por um lado eu tenho que proteger a N. de alguma forma, mas ao mesmo tempo eu tenho que deixar que a B. entre nessa relação, entende? Que não vai ser ‘eu’ com a N. ou o M. com a N., única e exclusivamente. Que tem que ter essa mediação, junto com a B”* (M2). Os medos relacionados à dupla função tinham como característica principal a relação mãe-primogênito-segundo filho: *“Eu sempre tive muito medo dessas coisas. Um é fácil, se torna fácil, o segundo a gente não sabe. Até porque não sabe como é que vai ser as características dessa criança, como é que vai ser a relação das duas”* (M12).

Pelo menos quatro mães destacaram que o segundo filho não traria mudanças significativas na sua função materna: *“Eu acho até que com o segundo não muda tanto, né? O primeiro mudou mais, porque o ritmo muda mais”* (M3). No entanto, várias mães (29%) apontaram que a segunda gestação acrescentaria algo novo: *“A gente vai aprender alguma coisa, outras coisas talvez a gente tenha mais facilidade. Acho que vai da observação, da interação que a gente vai desenvolver essa... Esse vínculo, devagarinho”* (M10). Outra mãe ressaltou que o segundo filho representaria algo novo no seu jeito de exercer a maternidade: *“Eu achava muito estranho de como é que ia ser pra eu dividir o meu sentimento né, porque eu sou fiel ao M., então eu nunca tive que dividir nada, nem com*

*ninguém e nunca meus pais dividiram algo pra mim, em termos de amor ou em termos de brinquedo sabe? Então pra mim é super, muito novo” (M5).*

Dentre os cuidados maternos, a amamentação foi lembrada por muitas mães (48%): *“Amamentar, é uma coisa que eu não abro mão de maneira alguma. Acho que, além de ser super importante para ele, é uma coisa que te dá um prazer, melhor coisa que tem no pós-parto, acho que é amamentar. A gente se realiza muito” (M21).* Situações de dificuldades de amamentação com o primogênito foram lembradas por uma mãe, com a intenção de que com o segundo filho fosse diferente: *“Mas eu espero que seja mais fácil que na primeira, porque na primeira foi difícil, eu não conseguia amamentar também, eu quero muito amamentar esse, eu amamentei o R. tipo, umas 2, 3 semanas e até agora tô me preparando melhor, fazendo uns exercício que o médico me ensinou” (M4).*

Uma das 21 mães verbalizou que teria facilidade para identificar os tipos de choros: *“Então quando chorar, que eu vou saber identificar um pouco o choro. Porque é aquela coisa, a gente às vezes sabe quando o choro é de manha, quando é de cólica” (M1).* Porém, pelo menos uma mãe ressaltou que não saberia identificar os choros de seu bebê: *“Apesar de tu teres um filho, a gente nunca sabe o que uma criança vai querer, né? ‘Por quê ela tá chorando?’ A gente fica menos nervosa, mas não fica sabendo [...]” (M3).*

Todas as mães do presente estudo, com exceção de uma, trabalhavam no momento da entrevista, fato este que foi apontado como um empecilho para se dedicar mais à gestação: *“Mas eu me percebo um pouco mais abatida, do que da primeira vez. Porque são muitas coisas externas interferindo. Como se eu não tivesse agora muito tempo até pra curtir isso” (M6).*

Pelo menos três mães ressaltaram que conversavam com seus bebês, sendo que duas delas incluíram o primogênito neste momento: *“Mas agora eu leio historinha pro A. e digo que tô lendo pros dois. É um pouquinho diferente, eu não faço coisas especificamente... Faço coisas, converso, mas não é uma coisa que chama tanta atenção. O A. vem beija a barriga e fala, eu digo ‘Ah, tu conversa com o maninho’ (M20).* No entanto, uma mãe relatou evitar conversar com seu bebê na presença do primogênito: *“Ah, eu falo, eu procuro não falar muito com ela quando eu tô com a C. Porque a C. ainda não despertou aqueles ciúmes... Mas, eu procuro não falar muito. Eu falo mais com ela quando eu tô dirigindo, quando eu tô sozinha” (M7).* No entanto, algumas mães relataram pouca disponibilidade para a comunicação com seu bebê: *“Até esqueço que eu tô grávida, né? Que com o primeiro a gente tinha todo um... Ficava horas acariciando a barriga e contando historinha, ouvindo*

*música e acho que agora, até por falta de tempo, aí, tem que cuidar do F. e quando tu vê tu tem que largar tudo pra ir dormir, pra no outro dia. Mal e mal dá um oizinho e deu” (M8).*

## Expectativas da mãe sobre o bebê

Todas as mães verbalizaram contentamento ao sentir os movimentos fetais de seus bebês e intuíram características comportamentais ao segundo filho, baseando-se nos seus movimentos: *“Eu acho que vai ser foliente, o M. dá aqueles gritos e o bebê acaba se mexendo, quer ir junto pra brincadeira” (M9).* Todas as mães comparam os movimentos fetais do segundo filho com o primogênito, sendo que a diferença de sexo entre os dois filhos pareceu determinante: *“Que ele vai ser, sei lá se ele vai ser mais danado que a A., eu digo... Eu digo que ele mexe muito, é diferente da A., mas às vezes isso se pergunta, o menino sempre é mais danado que a menina” (M1).* Porém, poucas mães (19%) disseram não conseguir imaginar como seria fisicamente o segundo filho: *“Mas eu não consigo imaginar ele fisicamente. Eu imagino um bebê, mas não consigo ver o rostinho, com quem que ele vai ser parecido” (M19).*

Aspectos referentes à crescente identificação da mãe com seu bebê foram verbalizados por várias mães (24%): *“Que eu imagino, talvez eu me identifique muito com ela, então eu digo ‘Ela vai ser parecida comigo, de jeito, comigo’. Eu já tenho uma identificação natural com ela” (M16).* Outra mãe imaginava que seu segundo filho iria ser mais apegado a ela: *“Ele vai ser mais apegado em mim do que o R. Eu tenho essa impressão que ele vai ser mais apegado em mim do que o R” (M4).*

Apenas uma mãe relatou sonhos com seu bebê durante a gravidez: *“A gente tem umas coisas que meio que eu digo que meio de grávida de sonhar que o neném é deficiente, tem problema mental, já sonhei várias vezes” (M18).* Uma mãe referiu apreensão de voltar à situação na qual o bebê é totalmente dependente dela: *“E esse, voltar à dedicação total também me preocupa. Que a gente aprende, a ser um pouquinho egoísta. Com um pouquinho de espaço para tu fazeres as tuas coisas. E, com um neném novo, ele não te dá esse espaço. Uma porque tu tem de adaptar a ele. Quando ele dormir, tu tem de dormir. Quando ele tiver acordado, tu tem de acordar, né, tem de dar atenção” (M21).*

## Preparação para a chegada do bebê

Das 21 mães participantes do estudo, a maioria (67%) referiu estar realizando algum tipo de preparação neste sentido. Várias mães (33%) não referiram, nas suas falas, qualquer tipo de preparação para a chegada do bebê.

Algumas mães (29%) relataram estar fazendo mudanças na casa para a chegada do bebê, desde reformas para fazer o quartinho até mudança de residência: *“a gente já tá abrindo mão, por exemplo, de um escritório, que a gente não usa muito, pra fazer o quarto do nenê”* (M8); *“a gente tá vendendo, o nosso, o nosso apartamento é de, são só dois quartos, a gente tá vendendo uma casa”* (M17). Duas mães destacaram que os primogênitos demonstraram estar se preparando para a chegada do irmão, ao ajudarem na arrumação das coisas do bebê e até ao ceder espaços que antes eram só seus: *“[...] ele [o primogênito] tá adorando, tipo, ele separou uma parte do roupeiro dele pra a gente botar as roupinhas que a gente já comprou”* (M18).

O sexo do bebê e do primogênito pareceram influenciar nos preparativos para a chegada daquele, tanto no que diz respeito à organização dos espaços da casa quanto na compra e reutilização de roupinhas, de acordo com várias mães (38%): *“Essa troca de roupinha, [das roupas de bebê da primogênita], que menino não usa, de fazer um quartinho diferente, que ele vai ter um outro quarto, não vai ficar com a I.”* (M3); *“A gente tava pensando que se fosse menina, como aqui só tem 2 quartos, comprar uma casa, vender esse apartamento fazer um financiamento, pegar dinheiro [...] pra ter mais espaço, pra ter outro quarto, aí como vai vir um menino, a gente já fica mais tranquilo, tem mais uma cama ali [...] e um bercinho, daí depois a gente pretende comprar um beliche”* (M4).

Pelo menos uma mãe relatou ter receio de que o bebê se sintasse desvalorizado por usar coisas que foram do primogênito, quando este foi bebê. Inclusive, este receio vem acompanhado de uma forte identificação com o segundo filho: *“O do K. eu fui lá comprei um quarto legal [...] e o outro eu vou lá e não compro pelo menos o berço, dá licença, essas coisas me preocupam bastante, porque a gente, que nem eu digo, eu passei por isso, eu tinha um irmão mais velho, aí era tudo, meu irmão trocava de bicicleta e eu ficava com a outra [...] essas coisas, tu não quer fazer as mesmas coisas que tu passou, né?”* (M20). Por outro lado, uma das mães não percebeu essa reutilização das coisas do primogênito como algo ruim, mas sim como uma possibilidade de aprendizagem para os filhos, no que se refere a aprender a dividir as coisas: *“É legal tu ter que aprender, tu tem que saber né, mas quando tu não tem com quem dividir, é tudo pra ti, né”* (M17).

Outro aspecto a ser destacado é o fato de várias mães (33%) compararem os preparativos para a chegada do segundo filho com os preparativos para a chegada do primogênito. Estas comparações incluíram tanto a culpa e a cobrança por não estarem se dedicando a esta questão do mesmo modo que se

dedicaram com o primogênito quanto o fato de que, por já terem passado pela experiência de ter um bebê, estarem mais tranquilas quanto a isso: *“Eu digo: ‘Acho que eu sou uma mãe desnaturada’. Porque, com a G., logo no início, não comprei muitas roupas, mas saí para comprar roupinha, saí para ver o enxoval. Aquela coisa toda e com ele não”* (M21); *“Ah, eu digo, mais tranquilo no aspecto de preparativos. Que no primeiro a gente quer comprar tudo o que vê pela frente, quer fazer tudo e o segundo é mais light”* (M8).

### **Holding paterno**

Embora outras figuras tenham aparecido, o foco desta subcategoria será no marido, por parecer ser o principal apoio, o que foi destacado por quase todas as mães, com exceção de um caso (M1): *“[...] o L. é totalmente por fora das coisas”*. O apoio do marido à gestante apareceu na fala da maioria das mães (76%) tanto no momento atual, de gestação, quanto nas expectativas futuras, em relação aos cuidados com o bebê e também com o primogênito: *“ele me apoia desde tudo, né. Desde me ajudar com a C.”* (M11); *“Então, acho que desde o início ele vai participar dessa coisa, desde a troca de fralda, de... Ajudar no banho, essas atividades normais, do dia-a-dia... Só não amamentar!”* (M8).

Poucas mães (19%) destacaram que o suporte oferecido pelo marido não é apenas nas atividades cotidianas, sendo também emocional e material: *“Emocional, financeiro, sei lá, todos, como sempre foi, desde o início”* (M5). Pelo menos uma das mães apontou que o marido pareceu ter uma preocupação maior com o sustento da família, com a chegada de um segundo filho: *“Ele ficou super feliz, mas tem aquela coisa de chefe de família, de sustentar mais um. [...] A gente divide as despesas, mas ele ainda tem aquela idéia de ‘Ai, eu sou o pai, chefe da família, eu que tenho que dar conta da coisa, né”* (M21).

Na opinião de pelo menos duas mães, os maridos não estavam tão presentes durante a gestação, mas não o faziam devido ao trabalho e também pelo fato de a segunda gestação não trazer mais novidades: *“o M. tá muito menos envolvido dessa vez. Pelo ritmo de correria da vida da gente, tá passando rápido Eu acho que em parte é falta de tempo. E talvez, parte também, seja falta de novidade. Tá, vai vim mais um filho, mas a gente já sabe como que é”*. (M10).

## **DISCUSSÃO**

Em conjunto, os relatos das participantes revelaram particularidades, tanto em relação aos sentimentos, quanto às expectativas com a gestação do segundo

filho. A construção da maternidade e todos os aspectos que estão vinculados a esse momento parecem demorar mais a aparecer e serem influenciados pelo fato de a mãe já ter um filho. Todavia, a amostra de primogênitos do presente artigo contempla somente crianças pré-escolares, ou seja, crianças que ainda precisam de uma atenção bem direcionada da mãe. Esta característica da pesquisa pode ter influenciado no surgimento de um grau menor de envolvimento da mãe, já que ela precisa dividir sua atenção e cuidados. Pode-se pensar também que esta característica encontrada no estudo influencia o que Winnicott (1956/2000) chama de *preocupação materna primária*, que corresponde a uma dissociação materna, quando a mãe volta-se para si mesma e para seu bebê, deixando o mundo externo em segundo plano durante um tempo para devotar-se ao filho. No entanto, tais achados não podem ser generalizados ao período pós-parto, já que a amostra estudada contempla a gestação.

Percebeu-se que a vivência das mães esteve permeada pelas lembranças da primeira gestação. Estas lembranças foram manifestadas principalmente pela comparação das duas gestações, tanto nos aspectos físicos quanto emocionais. Para algumas mães, a experiência da primeira gestação parece ter afetado positivamente a vivência da segunda, visto que conseguiam identificar mais facilmente os sintomas e, conseqüentemente, lidar melhor com eles e sentirem-se mais tranquilas. Por outro lado, a mesma tranquilidade fez com que algumas mães “esquecessem” que estavam grávidas e, neste sentido, pode ter havido um menor investimento narcísico da mãe em relação à segunda gestação. Freud (1914/1996) enfatizou que o desejo de ter filhos faz parte de um desejo maior, que é o desejo de imortalidade do ego. A imortalidade do ego corresponderia ao desejo narcísico de mães e pais de verem a si mesmos nos filhos, sendo que estes “garantiriam” aos pais a sua continuidade, tanto pela transmissão genética quanto pela transmissão dos valores daqueles. No caso das mães do presente estudo, o menor investimento narcísico no segundo filho pode estar relacionado ao fato desta imortalidade já ter sido atingida com o nascimento do primogênito.

As mães do presente estudo apresentaram preocupação com o primogênito, tanto em relação a não poderem dar a eles a atenção que sempre deram quanto por não saberem como seria para eles o nascimento de um irmão. Algumas mães relataram que não conseguiam mais fazer com o primogênito tudo o que faziam antes, em função da gravidez, especialmente devido ao crescimento da barriga e ao cansaço físico. O retraimento afetivo, característico da gestação (Winnicott, 1999) parece ter ficado comprometido,

pois as mães referiam muita preocupação com o primogênito. Algumas até destacaram que na primeira gestação conseguiam ficar mais retraídas e mais voltadas ao bebê, mas que na gestação atual isso era muito difícil de acontecer, pois havia um contexto familiar diferente, especialmente por causa do primogênito, o qual demandava atenção e cuidados constantes. Este resultado não corrobora a literatura encontrada sobre a relação da mãe com o primogênito durante a gestação do segundo filho, apontando que esta relação sofreria uma mudança, especialmente por a mãe estar mais voltada à sua gestação e à chegada de um segundo filho (Pereira e Piccinini, 2011).

O estudo de Coldebella (2006), entretanto, encontrou resultados semelhantes. Seus resultados indicaram que as expectativas e sentimentos da mãe secundária foram permeados pela existência do primogênito. As participantes da pesquisa basearam-se em sua experiência com o primeiro filho para relatar sentimentos e expectativas relacionadas ao segundo filho. Nesse sentido, as mães se basearam em características e comportamentos do primogênio para configurar psicologicamente a identidade do bebê que iria nascer. Tal comportamento parece refletir uma imagem do segundo filho mais concreta e menos imaginativa.

Para muitas das participantes, a “dupla maternidade” foi foco de preocupação, principalmente no que diz respeito a como seria a relação mãe-primogênito-segundo filho e como conseguiriam exercer sua maternidade. As preocupações da mãe também fazem parte da vivência característica da gestação e envolvem questões como a mãe se sentir não-natural, inadequada, em desvantagem, deficiente, vazia, não generosa ou deixando a desejar em relação à sua capacidade de amar (Stern, 1997). No contexto do nascimento do segundo filho há um acréscimo de preocupações relacionadas ao primogênito, o que pode influenciar as expectativas e os sentimentos da mãe com a segunda gestação.

Uma das características principais da gestação (Szejer e Stewart, 2002; Winnicott, 1960/1983) é a mãe apresentar algum tipo de envolvimento com as mudanças que a chegada do bebê acarreta. Tal comportamento materno reflete que este bebê já tem um espaço psicológico e físico em suas vidas. Todavia, algumas mães deste estudo evitaram pensar nestas mudanças. Por outro lado, várias mães destacaram que seu segundo filho traria algo novo para suas vidas, o que pode ser associado a indicadores da *preocupação materna primária*.

Outro aspecto da maternidade lembrado pelas mães foi o desejo de amamentar o segundo filho. Este desejo pode fazer com que as mesmas encarem

a amamentação como mais um passo fundamental na maternidade. O momento da amamentação cria um espaço de experiência compartilhada entre a mãe e o bebê, sendo chamado por Winnicott (1999) de “a primeira mamada teórica” (1999, p. 121), na qual o bebê não está apenas se alimentando, e sim, sendo acolhido, recebendo carinho e escutando a voz da mãe. Tal experiência constitui uma importante estimulação afetiva da mãe com seu bebê.

A sintonia em relação aos movimentos fetais foi verbalizada por todas as mães. Tais achados estão de acordo com a literatura, no que diz respeito às primeiras percepções dos movimentos fetais, o que permite que a mãe comece a atribuir características ao bebê (Maldonado, 1997). Esta interpretação dos movimentos fetais contribui para a consolidação da relação materno-filial. Quanto ao comportamento do bebê, de acordo com Winnicott (1999), as mães dão imenso valor à atividade de seus bebês e parecem esperar por ela, sendo que a partir deste momento é possível prever uma organização central, entre o bebê e a mãe. Todas as mães compararam os movimentos fetais do segundo filho com o primogênito.

Poucas mães conversavam com seus bebês, sendo que duas delas compartilhavam com o primogênito este momento. Tal comportamento pode indicar a importância para a mãe de incluir o primogênito na sua relação diádica com o segundo filho. A aceitação afetiva do primogênito em relação ao irmão pareceu ser fundamental para que a ambivalência materna relacionada ao segundo filho permanecesse em níveis esperados e não afetasse sua sintonia com o bebê. Uma das mães, entretanto, disse conversar com seu bebê escondida da primogênita. Tal conduta parece apontar para um grau de ambivalência mais acentuado do que o que costuma fazer parte da gestação (Maldonado, 1997), já que a mãe encontra-se mais preocupada em “poupar” sua primogênita da mudança iminente, negando a existência de seu bebê na presença da filha.

Aspectos referentes à identificação da mãe com seu bebê foram verbalizados por várias mães, o que pode ser um indicador da *preocupação materna primária*. Seguindo com as ideias de Winnicott (1960/ 1983), é possível observar nas mulheres grávidas uma crescente identificação com seu bebê, a quem elas associam uma imagem de objeto interno. Apenas uma mãe relatou sonhos com seu bebê durante a gestação, sendo que foi encontrado em um estudo que os sonhos da mãe na gravidez auxiliam no processo do estabelecimento da *preocupação materna primária* (Aiello-Vaisberg, 1999).

Uma mãe referiu pouco desejo e disponibilidade para ingressar no estado no qual o bebê é totalmente

dependente dela. Sobre isso, pode-se pensar que esta mãe parece não estar pronta para prover a disponibilidade emocional que seu bebê necessita. Diante deste achado, destacou-se que nem todas as mães conseguem atingir esse estado de *preocupação materna primária* (Winnicott, 1956/2000). Algumas não apresentam recursos internos para desenvolver essa condição e preferem entregar o bebê aos cuidados de outras pessoas. Por outro lado, segundo Winnicott, algumas mães têm uma capacidade de entrega tão grande quanto a sua incapacidade de emergirem dessa preocupação excessiva.

Cabe destacar que nem todas as mães relataram estar se preparando para a chegada do bebê. Este dado parece apontar para duas possibilidades: ou o segundo filho ainda não tinha um lugar tanto no psiquismo da mãe quanto na família ou a tranquilidade apontada por tantas mães fez com que sua atenção estivesse voltada para outros aspectos que não a arrumação do quarto e das roupinhas do bebê. Estas duas possibilidades são consideradas devido à ambivalência presente nas falas de diversas mães, em que aparecia um “relaxamento” em relação aos preparativos, mas também culpa por não estarem se dedicando a esta questão do mesmo modo que haviam se dedicado na gravidez do primogênito. Nesse sentido, alguns autores referem a importância da construção psíquica do bebê, ainda dentro da barriga da mãe, para a constituição do lugar psíquico da criança na família (Szejer e Stewart, 2002; Raphael-Leff, 1997). Assim, os pais deveriam conceber mentalmente seu bebê antes de seu nascimento, porém as participantes do estudo apresentaram dificuldades de estabelecer esta sintonia com seu segundo filho.

Tal característica pode estar associada ao fato de a mãe estar mais envolvida com o primogênito e em como este reagirá à presença de um irmão do que com a preparação efetiva para a chegada deste bebê, o que pode refletir a falta de um lugar para ele dentro da família. Diante disso, Winnicott (1999) sugeriu que o ambiente, representado pela mãe, adquire importância máxima quando o bebê ainda é um feto. O autor referiu que não é possível estabelecer o momento certo no qual o feto passa a ser percebido como uma pessoa, mas que tal fato ocorre ainda dentro da barriga da mãe, o que estaria relacionado à emergência da *preocupação materna primária*.

A questão do sexo dos dois filhos também parece influenciar no envolvimento da mãe com o segundo filho, já que algumas relataram que teriam que aprender a ser mães de uma criança de outro sexo, ou que é diferente ser mãe de menina ou de menino. Estas reflexões das mães indicam que as mesmas estavam realizando uma elaboração do que é ser mãe, o que

provavelmente refletiria no modo como elas lidariam com o segundo filho. Estes resultados corroboram com a literatura, principalmente no que se refere à elaboração da maternidade. Nesse sentido, cada gestação tem um sentido único para a mulher e esse sentido depende diretamente da história materna, a qual será evocada a cada gravidez (Szejer e Stewart, 2002).

Como postulado por Winnicott (1965/1985), o marido apareceu como a principal figura de apoio das mães, com exceção de um caso. Neste caso em especial, as dificuldades no relacionamento conjugal estavam afetando diretamente a capacidade da mãe para se vincular ao seu bebê, visto que, durante toda a entrevista, o foco das verbalizações maternas foi a relação com o marido e não a chegada do filho.

Para a grande maioria das mães, o marido foi mencionado como alguém presente, tanto durante a gestação quanto no futuro, no que se refere aos cuidados com o bebê e com o primogênito. Conforme Winnicott (1956/2000) o pai teria um papel fundamental neste momento, pois ele cuidaria para que as preocupações do ambiente externo não atingissem a mãe, para que a mesma pudesse seguir devotando-se ao filho. No contexto do nascimento do segundo filho, Dessen (1997) refere que o pai tem um papel de equilíbrio na família, já que a mãe estaria menos disponível a cuidar do primogênito, por estar voltada ao bebê. Muitas mencionaram o desejo e a expectativa de que eles continuassem participativos nos cuidados com o primogênito, especialmente após o nascimento do segundo filho, quando elas teriam que dar uma maior atenção ao bebê.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados do presente estudo permitiram perceber que há especificidades no que diz respeito aos sentimentos e às expectativas maternas no contexto do nascimento de um segundo filho. A maioria das mães parece não ter a necessidade de vivenciar aspectos importantes da gestação, visto que relatam já terem vivenciado esta experiência na gravidez do primogênito. Além disso, a proximidade de tempo entre as gestações deve ser considerada. Entretanto, os autores acreditam que é necessário passar por cada etapa do processo de tornar-se mãe, o qual demanda um complexo movimento psíquico da mãe para abrir um espaço afetivo e físico para o filho em sua vida.

Neste sentido, as mães pareceram estar muito preocupadas com o bem estar emocional do primogênito, exacerbando em seus relatos características e qualidades do mesmo, além de apresentarem acentuada ambivalência por estarem grávidas e não saberem

ainda como lidar com essa dupla maternidade. O envolvimento do primogênito com a gestação, assim, parece ser um fator positivo para que a mãe consiga dedicar-se a gestação do segundo filho, pois a deixa tranquila e menos ambivalente com a gestação. Outro aspecto a ser destacado é que a presença do marido parece ser fundamental para que a mãe se sinta amparada e segura para se dedicar ao bebê e abdicar temporariamente de cuidados exclusivos com o primogênito.

Salienta-se a importância dos programas de atendimento psicológico pré e pós-parto que atendam às necessidades das mães neste contexto, tendo em vista que a gestação do segundo filho tem sido justificativa crescente de procura por orientação e acompanhamento psicológico por parte das famílias. Como relatado no decorrer deste estudo, as mães já apresentavam certo nível de ambivalência desde a gestação, fator este que poderia ter sido amenizado caso elas tivessem acesso a algum tipo de atendimento voltado para suas demandas.

Por fim, o presente estudo apresenta algumas limitações, como o fato de ser uma pesquisa transversal, restrita à gestação e que não considerou os sentimentos e as expectativas da mãe relacionados ao segundo filho longitudinalmente, até após o nascimento deste. Outra sugestão para estudos futuros seria investigar a transição para a maternidade em diferentes contextos familiares, como em famílias numerosas ou recasadas.

## REFERÊNCIAS

- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999). Sonhos de nascimento e preocupação materna primária. *Psicologia Clínica*, 14(2), 87-92.
- Bardin, L. (2000). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Brazelton, T. B. & Cramer, B. G. (1992). *As primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes.
- Coldebella, N. (2006). Expectativas e sentimentos de gestantes primíparas e secundíparas sobre seus bebês. Unpublished master's thesis. Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Dessen, M. (1997). *Desenvolvimento familiar: transição de um sistema triádico para poliádico*. Temas em Psicologia, 3, 51-61.
- Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. In J. Strachey (Org.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 77-108). Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1914.
- Henwood, K. & Pidgeon, N. (2010). Teoria Fundamentada. In G.M. Breakwell, S. Hammond, C. Fife-Schaw & J.A Smith, *Métodos de pesquisa em psicologia* (pp. 340-361). Porto Alegre: Artmed.
- Klaus, M.H., Kennel, J.H. & Klaus, P.H. (2000). *Vínculo: Construindo as bases para um apego seguro e para independência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Laville, C. & Dione, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas* (H. Monteiro & F. Sentineri, Trad.). Porto Alegre: Artmed.

- Kojyma, I., Irisawa, M. & Wakita, M. (2005). The impact of a second infant on interactions of mothers and firstborn children. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 23(1), 103-114.
- Krieg, D. L. B. (2007). Does motherhood get easier the second-time around? Examining parenting stress and marital quality among mothers having their first or second child. *Parenting: Science and Practice*, 7(2), 149-175.
- Maldonado, M. T. (1997). *Psicologia da gravidez*. São Paulo: Saraiva.
- Mercer, R. T. (2004). Becoming a mother versus maternal role attainment. *Journal of Nursing Scholarship*, 36(3), 226-232.
- Núcleo de Infância e Família – NUDIF/UFRGS/CNPq (2005a). Ficha de Contato Inicial. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Núcleo de Infância e Família – NUDIF/UFRGS/CNPq (2005b). Entrevista de Dados Demográficos do Casal. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Núcleo de Infância e Família – NUDIF/UFRGS/CNPq (2005c). Entrevista sobre a Gestação e as Expectativas da Gestante (terceiro trimestre de gestação). Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Pereira, C. R. R. & Piccinini, C. A. (2007). O impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24(3), 385-395.
- O'Reilly, M. M. (2004). Achieving a New Balance: Women's Transition to Second-Time Parenthood. *Clinical Research*, 33(4), 455-462.
- Pereira, C. R. R. & Piccinini, C. A. (2011). Relacionamento mãe-primogênito durante a gestação do segundo filho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(2), 179-188.
- Piccinini, C., Lopes, R., Rossato, C. & Oliveira, D. (2005). *Estudo longitudinal sobre o impacto do nascimento do segundo filho na dinâmica familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito*. Manuscrito não-publicado, Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Raphael-Leff, J. (1997). *Gravidez: a Histórica Anterior*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Szejer, M. & Stewart, R. (2002). *Nove meses na vida da mulher – uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Stern, D. N. (1997). *A Constelação da Maternidade: o panorama da psicoterapia pais/bebês*. Porto Alegre: Artmed.
- Vivian, A. G. (2010). Tornar-se mãe de um segundo filho: da gestação ao segundo ano de vida da criança. Unpublished doctor's thesis. Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Winnicott, D. W. (1983). Provisão para a criança na saúde e na crise. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 62-69). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1960).
- Winnicott, D. W. (1985). E o pai? In D. W. Winnicott. *A criança e o seu mundo* (pp. 127-133). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1965).
- Winnicott, D. W. (1999). *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (2000). A preocupação materna primária. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1956).
- Winnicott, D. W. (2005). A influência do desenvolvimento emocional sobre os problemas de alimentação. In D. W. Winnicott. *Pensando sobre as crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1967).

Recebido em: 16.11.2012. Aceito em: 14.05.2013.

#### Notas:

<sup>1</sup> De uma a três mães: número absoluto; quatro mães: 19%; cinco mães: 24%; seis mães: 29%; sete mães: 33%; oito mães: 38%; nove mães: 43%; dez mães: 48%; 11 mães: 52%; 12 mães: 57%; 13 mães: 62%; 14 mães: 67%; 15 mães: 71%; 16 mães: 76%; 17 mães: 81%; 18 mães: 86%; 19 mães: 90%; 20 mães: 95%; 21 mães: número absoluto.

<sup>2</sup> Para garantir o sigilo e a confidencialidade dos dados, os nomes das participantes, dos seus maridos e filhos foram substituídos por iniciais.

#### Autores:

Carolina Marocco Esteves – Psicóloga clínica, mestre e doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),

Joice Cadore Sonogo – Psicóloga, mestre e doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Aline Groff Vivian – Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), professora de Psicologia na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

Rita de Cássia Sobreira Lopes – Psicóloga, doutora em Psicologia pela University of London (Inglaterra), pesquisadora do CNPq e docente do PPG Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Cesar Augusto Piccinini – Psicólogo, doutor em Psicologia pela University of London (Inglaterra), com Pós-Doutorado na mesma Instituição, pesquisador do CNPq e docente do PPG Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

#### Endereço para correspondência:

Carolina Marocco Esteves  
Rua Anita Garibaldi, 1786/411, bloco C  
CEP 90480-200, Porto Alegre, RS, Brasil  
E-mail: caca\_mak@hotmail.com